

Intervenção do Secretário Regional Adjunto da Presidência para as Relações Externas, Rui Bettencourt, na sessão de abertura do V Fórum Açoriano Franklin D. Roosevelt “O centenário da escala de Roosevelt nos Açores – As relações transatlânticas do séc. XX ao séc. XXI”, 26 de outubro de 2018

Exmo Senhor Presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, caro
Doutor Vasco Rato

Exmo Professor Mário Mesquita, caro amigo Açoriano, a quem dirijo uma saudação muito especial e muito calorosa

Senhoras e senhores conferencistas

Senhor Cônsul dos Estados Unidos, caro Jason Chue

Senhoras e senhores membros do corpo diplomático,

Minhas senhoras, meus senhores,

Em nome do Presidente do Governo dos Açores, gostaria em primeiro lugar de vos saudar e de vos dar as boas vindas a este V Fórum Roosevelt.

Permitam-me que saúde particularmente Laura Roosevelt

For The Azores it's an honour and a pleasure to have Laura Roosevelt with us.

Encontramo-nos aqui reunidos neste V Fórum Açoriano Franklin Roosevelt – verdadeiro espaço de reflexão especialmente dedicado ao legado do Presidente Roosevelt e à sua relação com o reconhecimento externo da vocação geoestratégica dos Açores – para assinalar o centenário da passagem pela nossa região daquele estadista americano.

Volvidos 10 anos do I Fórum, julgo que podemos afirmar que a sua história é feita de sucessos. Desde logo pelo aprofundamento na cooperação entre a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e a Região Autónoma dos Açores, e deixaria já aqui um desafio – o de intensificarmos a nossa cooperação também na educação, na cultura, na formação e no intercâmbio de jovens, na ciência e no conhecimento.

Mas, igualmente sucesso, pelo reconhecido espaço, que devemos manter, de reflexão e de debate de ideias que possam promover a aproximação entre este grande país - os Estados Unidos da América - e esta magnífica região de seiscientos anos, no meio do Atlântico, os Açores.

Em todos estes Fórum, merece igualmente um destaque particular o pensamento produzido sobre o papel dos Açores quer numa relação bilateral Estados Unidos da América – Portugal, quer, de um modo mais vasto, no relacionamento entre os Estados Unidos e a União Europeia.

É neste sentido que gostaria de saudar todos os participantes e oradores, em particular a neta do nosso mentor, Laura Roosevelt, presença que muito dignifica esta V edição. Igualmente um especial agradecimento ao Presidente e restantes membros do Conselho Executivo da FLAD, em particular ao Doutor Vasco Rato, e ao Michael Baum. Gostaria,

ainda, se me permitissem, de salientar aqui o empenho e o entusiasmo do Doutor Mário Mesquita a quem muito se deve por esta iniciativa e pela sua continuidade.

Dedicado à temática sobre o centenário da escala de Roosevelt nos Açores cujos conteúdos mais relevantes iremos todos escutar ao longo do dia, não posso deixar, desde já, de sublinhar, a importância que teve – e continua a ter – para os Açores o facto daquele Presidente americano ter percecionado muito cedo o papel estratégico e militar dos Açores, não só para os EUA, mas também para o mundo.

Eleito para a Presidência dos Estados Unidos em 1932, com uma esmagadora vitória de 57,4% do voto popular e 472 votos eleitorais, num período de crise económica e financeira difícil, Roosevelt liderou os EUA durante 12 anos – facto único na história daquele país – sendo sucessivamente reeleito em 1936, 1940 e 1944. O seu percurso político e pessoal demonstra bem o seu sentido de Estado e de Democracia, não só no plano interno, mas também no plano externo. Homem com uma visão e pensamento liberal, teve a coragem e capacidade de, internamente, desenvolver, um conjunto de iniciativas de recuperação e reformas, conhecidas por New Deal, que constituíram uma garantia contra os excessos financeiros de uma economia desregulamentada. No final da década de 1930 o processo do New Deal, apesar do seu impacto perdurar, começou a abrandar. Os EUA assistiram a uma transformação da vida dos seus cidadãos que traria segurança e oportunidades económicas para milhões de americanos até então excluídos da corrente dominante. O efeito mais duradouro do New Deal foi o seu impacto profundo, a longo prazo, nas expectativas dos Americanos em relação ao governo e à sociedade. O debate sobre a função e o lugar do governo na vida americana, que teve início na década de 1930, permanece ainda hoje com atualidade.

Assim, e à medida que o New Deal prosseguia, a atenção de Roosevelt e da nação voltava-se cada vez mais para a ameaça crescente na situação na Europa. Roosevelt começou a conceber a guerra em termos mais universais – como uma luta pela causa da liberdade no mundo inteiro. Desta forma, e ao nível da sua ação externa e dos desafios daí impostos pela II Guerra Mundial, Roosevelt percebeu que os novos meios militares emergentes - marítimos, e, sobretudo, aéreos -, em jogo, colocavam o oceano Atlântico em particular, como via de acesso aos Estados Unidos e não mais de barreira. Era, assim, uma questão decisiva controlar estes canais de acesso à América.

Assumiu um papel fulcral, foi em todos os sentidos o comandante-chefe da nação, seguro de si e com opiniões fortes sobre estratégia. Envolveu-se ativamente nos assuntos militares, criando as forças armadas americanas modernas. O exército e a marinha expandiram-se e modernizaram-se, e com o seu apoio o poderio aéreo americano aumentou enormemente.

Com a entrada dos Estados Unidos na Guerra o pensamento de Roosevelt sobre o papel que os Açores podiam ter na defesa dos Estados Unidos e no decurso da Guerra, tornou-se ainda mais relevante.

Na sua passagem pelos Açores, numa escala na sua viagem a caminho da Europa, a 16 de julho de 1918, enquanto subsecretário de Estado da marinha dos Estados Unidos da América, Franklin Delano Roosevelt não só salientou, e cito, a “importância da posição estratégica” dos Açores, como se surpreendeu com as terras “magnificamente cultivadas” e com o “pitoresco” da paisagem açoriana. Deslocou-se à Horta e a Ponta Delgada, dois

portos utilizados pelos navios aliados para fins de apoio logístico. Mais tarde, numa carta endereçada a Salazar, chega mesmo a afirmar que mantinha com a nossa Região uma relação de “especial simpatia”.

Ao que parece, a visita ter-lhe-á deixado uma recordação duradoura, pois Roosevelt terá encomendado um quadro do seu navio (o USS Dyer) atracado em Ponta Delgada. Este quadro durante a II Guerra Mundial esteve pendurado na Casa Branca. Foi, assim, Roosevelt quem adicionou a dimensão política e estratégica aos meandros da História e ao posicionamento geográfico dos Açores.

Hoje, aqui reunidos, e comemorando 100 anos da escala de Roosevelt nos Açores, prestamos, igualmente, um tributo, não só ao impulso que deu ao relacionamento transatlântico, à sua visão estratégica, mas também ao seu empenho em prol da disseminação da paz, da justiça e da democracia. O seu compromisso para com estes valores, refletiram-se no plano que preparou para a recuperação da Sociedade das Nações. As suas declarações públicas sobre o que viria a ser hoje a Organização das Nações Unidas, foram no sentido de realçar a importância da cooperação entre as grandes potências.

Roosevelt conseguiu convencer Estaline e Churchill a apoiarem uma organização internacional para o pós-guerra, exatamente com o foco no Conselho de Segurança para as 3 potências, ou seja, uma estrutura institucional, em que poderiam cooperar, dando assim à Assembleia-Geral da ONU, um papel de debate. A sua astúcia política colocou-o alerta para a perigosidade que seria, um outro papel, que não o de debate, para a Assembleia-Geral. A diplomacia, tal como a estratégia militar, foram aspetos caracterizantes da sua ação de liderança durante a guerra. Guerra esta que não teve a oportunidade de acompanhar até ao fim. No entanto, viveu o tempo suficiente para perceber que a vitória estava garantida. A um mês da sua morte, a 12 de abril de 1945, a Alemanha rendeu-se aos Aliados. A 2 de setembro de 1945, a guerra terminava oficialmente, com a rendição do Japão a bordo do USS Missouri, na Baía de Tóquio. Morreu dias antes de discursar na sessão de abertura da conferência que organizou – as Nações Unidas. Estava previsto um discurso sobre o mundo do pós-guerra: “A simples conquista dos nossos inimigos não é suficiente” escreveu. Com um contributo indelével para o mundo, Roosevelt é um dos grandes Estadistas da História do Século XX, sabendo conciliar com mestria, em contextos muito difíceis – no plano interno e externo, nas questões sociais, económicas e militares - os direitos e as capacidades individuais e o bem coletivo.

Os Açores a Roosevelt devem a principal vocação estratégica que hoje representam no Mundo - Roosevelt despertou, assim, o mundo para a importância da posição geoestratégica dos Açores.

E os Açorianos têm em Roosevelt uma referência humanista, lembrando-se do que dizia: “É uma boa coisa exigir liberdade para nós mesmos e para aqueles que concordam connosco, mas é uma coisa ainda melhor e mais rara dar liberdade a outros que discordam de nós”.

Entretanto o Mundo mudou, mas esta posição estratégica dos Açores que foi sublinhada pela passagem de Franklin Roosevelt há 100 anos atrás e foi reforçada na II Guerra Mundial, mantém-se hoje de uma extraordinária atualidade.

Podemos até afirmar que os Açores de hoje apresentam neste momento novas centralidades que decorrem de dois aspetos fundamentais deste Mundo novo.

O primeiro é o facto de os Açores apresentarem um elevado número de características muito relevantes para as novas centralidades:

Encontram-se na confluência de três continentes que atravessam mutações importantes, numa nova onda de globalização;

Os Açores representam mais do que uma superfície terrestre onde aviões podem fazer escala, pois têm uma superfície marítima de mais de um milhão de km², com um fortíssimo potencial económico, científico e de cooperação internacional;

Os Açores são a porta de entrada na Europa e a fronteira entre a Europa e os Estados Unidos;

Os Açores apresentam – perto da Europa e perto dos Estados Unidos da América -, uma forte atratividade. Até o facto do aumento exponencial na facilidade de comunicações digitais e na intensificação dos transportes, nesta generalização da globalização, que poderia dar a ilusão que os Açores agora seriam dispensáveis hoje, afinal reforça a sua posição geoestratégica. É que com a proximidade, em simultâneo, dos Estados Unidos e da Europa, e com a facilidade de comunicações que hoje, o digital apresenta, qualquer profissional e qualquer empresa encontra nos Açores a desejada atratividade, juntando-se também um dos fatores mais desejados hoje para um território: a qualidade de vida.

Os Açores também apresentam um forte potencial turístico junto das duas margens do Atlântico;

Igualmente, a sua posição geográfica leva os Açores a terem um enorme potencial - que já está neste momento em desenvolvimento - em novas áreas de atividade, tão marcantes deste Novo Mundo como no espaço, na ciência, na investigação e no conhecimento.

O segundo aspeto, fundamental para recolocar um importante posicionamento geopolítico dos Açores, é o facto de os Açores hoje terem nos Estados Unidos uma Diáspora que ronda um milhão de cidadãos. E que, neste momento, para além de apresentar características de grande proximidade e ligação aos Açores, a Diáspora açoriana nos Estados Unidos assume-se cada vez mais como uma efetiva força económica, política, cultural, académica, intelectual, social e laboral.

Assim, os Açores, uma região atlântica com seiscentos anos, que faz parte de uma União de 500 milhões de habitantes assumem a sua importância geoestratégica e a sua importância geopolítica, conscientes do importante papel que podem e devem desempenhar na construção do século XXI.

Deixava assim os votos de muito bom trabalho neste V Fórum, sempre procurando o caminho de aprofundar uma melhor cooperação entre os Estados Unidos da América e os Açores e Portugal e também com a FLAD para aprofundar a cooperação.
Muito obrigado!